

Bella Jozef

Formação da Cultura Brasileira*

«A América Latina é uma cultura. Não é fácil defini-la nem sequer descrevê-la. Os escritores foram os que expressaram melhor essa realidade fugidia. Mas nenhum desses poemas e romances é, nem pode ser, um retrato realista; todas essas obras são imagens ou, mais exatamente, imaginações do que somos.»

Octavio Paz (Paz 1993)

«É tempo do Brasil despegar-se das fórmulas vagas, procurando ver e observar os seus problemas, em vez de ater-se ao que está escrito nos livros estrangeiros.»

Gilberto Freyre¹

Cabe-nos reavaliar certos mitos fundacionais, cuja análise tem sido prejudicada por idéias preconcebidas para compreender melhor nossas perspectivas para o futuro. Aqui - num tempo de incertezas e desafios - viemos exercitar o conhecimento das origens, reler a tradição em busca do diálogo para compartilhar o trajeto.

Nosso objetivo é repensar o processo de formação da cultura brasileira, analisar como decorreu sua gênese e seu percurso, numa ótica transdisciplinar (que Edgar Morin denomina de «pensamento multidimensional»).

* Desejo agradecer aos organizadores do Congresso: «Brasil- modernização e globalização» promovido pela Associação Alemã de Pesquisas sobre a América Latina (ADLAF) e presidido pelo Professor Gerd Kohlhepp e sua equipe e, especialmente, a seu Diretor, o Professor Karl Kohut, Titular de Filologia Românica da Universidade Católica de Eichstätt, o convite para participar deste evento tão importante. Seu oportuno planejamento em promover e divulgar o pensamento crítico sobre o Brasil fazendo-nos ver o Brasil através do outro, demonstra a visão sensível dos organizadores. As conferências e comunicações apresentadas, os propósitos enunciados, além dos debates, representam contribuição a um melhor conhecimento da realidade brasileira. Também Quero agradecer também aos professores Barbara Freitag e Karl Kohut por suas intervenções, após minha exposição oral, que me fizeram desenvolver alguns pontos desta versão escrita.

¹ Essas palavras foram pronunciadas por Gilberto Freyre, aos 17 anos de idade, ao deixar, no Recife, o Colégio Americano Gilbreath.

mensional» por Edgar Morin), pois a globalização cultural que neste final de milênio ganha relevância devido aos avanços tecnológicos, exige um reajuste de pressupostos críticos. Não é nossa intenção traçar um panorama exaustivo da cultura brasileira, realidade múltipla e complexa - mas formular uma análise com espírito de síntese, abandonando o que nos pareça secundário ou inexpressivo, contribuindo, assim, para um melhor conhecimento da questão da identidade nacional e sua construção, que implica em articulação de sistemas.

O estudo da globalização é particularmente necessário do ponto de vista da investigação cultural, levando à redefinição das identidades e os enquadramentos da maioria das coletividades humanas, mostrando-nos que grande número de problemas atuais não é nacional, mas transnacional. Deixando de considerar as culturas encerradas em territórios nacionais, reforça-se, assim, a necessidade de repensar os compromissos sociais, para estruturar novos balanços entre os interesses particulares de diferentes setores, organizações e indivíduos por um lado e, por outro, um pensamento que busque transcender duas vertentes contemporâneas: uma, a visão da sociedade hiper-individualista, que sustenta o respeito da autonomia individual e da vida privada, mas segundo a qual a esfera pública se submete à lógica do mercado. A outra, a visão da resistência dos que sonham em reviver o pensamento macro-social do passado, embora sem superar os modelos hiper-integracionistas.

1. Que é Cultura?

A cultura é toda a herança de uma sociedade, é um modo particular de viver, de sentir, de manifestar-se, com usos e costumes característicos, com certa maneira de instalar-se no mundo, de apropriar-se dele e de apreender todos os comportamentos individuais dentro de uma estrutura social. É o produto de relações sociais, desde as quais se transmitem significados individuais e coletivos. Nas suas múltiplas manifestações tem a ver com os modos de perceber e de simbolizar o mundo, com os sonhos compartilhados. Cultura é a soma de todos os recursos a que apelam nossos povos para viver, assim como as múltiplas formas como manifestam sua existência. A cultura reflete as idéias dominantes e mergulha no domínio obscuro e fecundo em que se elabora a consciência nacional. Como processo, também é tradição, isto é, o conjunto de valores dentro dos quais estamos estabelecidos. Consideramos fundamental o papel da cultura na formação de uma nacionalidade, com sua reflexão permanente do ser na história.

O conjunto orgânico das histórias locais é nossa comum história colonial. Falando dos habitantes da América Latina, Simón Bolívar, o Libertador, dizia não conhecer situação mais extraordinária nem mais complexa: «Não somos nem europeus nem índios, pertencemos a uma espécie situada entre os indígenas e os espanhóis.» E acrescenta: «Americanos por nascimento e europeus por direito, encontramos-nos comprometidos em um conflito que nos leva a disputar títulos de posse aos indígenas e a manter-nos no país que nos viu nascer, opondo-nos aos invasores.»

Nisto reside a originalidade e a complexidade desta América, nascida da transculturação e não da assimilação,² como voz alternativa da cultura ocidental. O espanhol e o português são inseridos num subsolo autóctone, encontrando o equilíbrio entre as novas aquisições e a expressão original, processando um ajuste entre a tradição europeia e os estímulos do patrimônio indígena, locais.

A América deu um novo sentido a cada traço cultural trazido pelos conquistadores, criando outros de poderosa originalidade: a do encontro de palavras, de conceitos, de idéias e de sonhos, a passagem de uma língua eminentemente oral a uma língua selada sob o signo da escrita, uma e outra nutrindo-se mutuamente em processo dialético de destruições, complementações e ressurreições (Bareiro Saguier 1995). As culturas coloniais sofreram com a perda das referências originais, elaborando e redefinindo outras num contexto novo.

A problemática de uma cultura é, por vezes, mais artificial que autêntica, por não alimentar-se de experiências próprias. O desejo de «ser» e «fazer» levou o escritor americano a uma experiência prematura que não corresponde a sua realidade. É lamentável que haja frequentemente a tendência a fundamentar opiniões e juízos acerca da América Latina, sua vida e sua cultura, baseados em notícias, estatísticas e informes meramente técnicos. Pouco se sabe sem o conhecimento de sua produção ar-

² O termo «transculturação» foi cunhado por Fernando Ortiz, em *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Havana, Consejo nacional de Cultura, 1963. Dizia ele: «Entendemos que o vocábulo transculturação expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura para outra, porque esse processo não consiste apenas em adquirir uma cultura, que é o que, a rigor, indica a palavra anglo-germânica *aculturation* mas, ao contrário, o processo implica também necessariamente na perda ou no desenraizamento de uma cultura precedente, o que poderia ser considerado como uma parcial desculturação e, além disso, significa a conseguinte criação de novos fenômenos culturais que poderiam ser denominados *neoculturação*».

tística e pouco se sabe do espírito que anima aos latino-americanos e o significado humano de seus problemas vivenciais.

2. As Etapas da Busca de uma Cultura Própria

América surge num momento de crise. Segundo Fortunat Joseph Strowski (1946: 124), o século XVI «trabalha numa meia luz; sabe que é a alvorada e onde está o oriente, mas não discerne ainda o contorno das coisas». Pela expansão oceânica, a partir do século XV, a cultura europeia universaliza-se. O próprio Montaigne, em suas reflexões, chegou à conclusão de que a justiça não era o patrimônio da Europa.

A transformação do imaginário europeu pelo descobrimento (ou invenção) da América e do Brasil foi um fato decisivo, provocando profunda revolução na ciência, na economia e a filosofia europeias, contribuindo para as profundas modificações ocorridas na Europa.³ Ao mesmo tempo, a pluralidade de culturas transladadas e invasoras foi modificada ao contato com as culturas vencidas.

Enquanto descobria a América e o Brasil, a Península Ibérica transformava a Europa. Com isto não fazemos alusão apenas ao exotismo, mas à manifestação intelectual de aspecto mais profundo. Para os pensadores europeus, os índios provocaram uma secular questão: o contraste entre natureza e cultura.

A Europa acabava de revalorizar a antigüidade greco-latina de que extraía poderosas forças que determinaram o chamado Renascimento. Para a reconstrução europeia dispunha-se desses modelos, quando o descobrimento da América fez nascer nova concepção do mundo. Na antiga tradição da cultura ocidental exaltavam-se as virtudes e as possibilidades humanas, mas acreditava-se que o homem não era bom. Para os humanistas, a Idade de Ouro existia no passado. As notícias chegadas nas cartas fundacionais do Novo Mundo mudaram aquele estado de espírito. Visões e presságios cumpriram-se. Descobrem-se os Eldorados (vide Voltaire), o Eden, o Paraíso primitivo que já se considerava perdido. O imaginário europeu, com seus mitos, lendas, o mundo teratológico vai adquirir cidadania na América. Vemos aparecer uma literatura comple-

³ O descobrimento da América foi visto durante muito tempo como «o grande feito do homem europeu que se tornava irreversivelmente moderno e crescentemente racionalista. Aprisionando e controlando pela primeira vez o espaço do globo, esse homem passava a ser senhor dos mares e subjugador das culturas estranhas, impondo por toda a parte seu credo, seus hábitos, sua visão de mundo» (Mello e Souza 1998).

tamente nova, a das utopias e cidades ideais. O fantástico medieval mistura-se a um fantástico autóctone com seus temas icônicos. O Renascimento, que em seu início olhava para o passado, volta-se para o futuro.

A visão da América como terra de inocência segue-se na literatura de viajantes e nas teorias rousseunianas do «bom selvagem». (Rouanet 1998: 5) «Razão natural», «obediência à natureza» são também fórmulas do século XVIII que deseja ser universal, alimentando os valores do cosmopolitismo. Como disse Francisco Romero: «Até o descobrimento o mundo sofria pela ausência americana».

3. Origem Comum e Transculturação

A história da cultura na América Latina, em sua complexidade, ainda está por escrever-se. Seu sentido tem sido buscado em referência à Europa e seus diferentes estímulos desde a época do Descobrimento. A literatura começou por ser um noticiário desse mundo mágico, que parecia confirmar arcádicos sonhos utópicos, e pelo qual se entrava no domínio de um futuro sem passado, enviado à expectativa da Europa. E ela se revelava quase sempre mais voltada para a paisagem do que para o homem do Novo Mundo, definido em função de dados externos, com minuciosas descrições, sem penetração da realidade essencial e dos novos tipos de cultura, e falseando em favor dos esquemas mentais europeus. Se em um primeiro momento, a colonização consiste na reduplicação do mesmo, desenvolve-se, paralelamente, o conceito do outro: «Somos outros sem deixar de ser o que somos e que, sem deixar de estar onde estamos, nosso verdadeiro ser está em outra parte» (Paz 1993).

Os espanhóis e portugueses descobriram e povoaram o imenso território que vai da Califórnia ao sul do Chile. A empresa das Américas foi uma empresa comum da Ibéria, convertendo o oceano em caminho de encontros. Houve portugueses que penetraram na América espanhola e houve gente da Espanha no Brasil colonial. Nesse sentido há muitos pontos de contato entre a América Hispânica e o nosso processo histórico-literário. Ligam-nos à Espanha o passado e o futuro: temos um passado comum — as origens ibéricas e, na América, o futuro concretizado na integração latino-americana. Subjazendo às variantes específicas, é válido falar de uma tradição igualmente compartilhada num contexto sul-americano. Um processo histórico comum marca a pluralidade sincrônica dos sistemas literários que nos conformam em suas múltiplas componentes. Movimentos ideológicos chegaram da Europa (enciclopedismo, liberalismo romântico, positivismo) e se metamorfoseiam, comovendo

de modo análogo o fundo comum de uma cultura e uma alma histórica, assim como as línguas clássicas sobrevivem nas que se originaram delas, através de um imenso espaço geográfico.

No século XVI inaugura-se a etapa colonizadora, de expansão do capital que caracteriza os inícios da modernidade. A partir do século XVII enquanto a Europa entrava nos processos que conduziram a uma clara separação entre sociedade civil e Estado, entre a esfera pública e a privada, a Ibéria permanecia cada vez mais encerrada em uma ordem absolutista que asfixiava as práticas sociais mercantis até o ponto em que, em começos desse século, a potência espanhola começou a decair, a pesar da riqueza americana.

Nos territórios americanos, a situação foi ainda pior. Depois de um século de destruição das sociedades autóctonas, o século XVII consolidou-se a uma ordem social despótica mais fechada que na metrópole. A presença de vasta população indígena e africana reduzida a uma condição servil e dominada por uma minoria de brancos conquistadores, outorgava à ordem social uma quase total ausência das práticas sociais que eram a base para a formação da sociedade civil na Europa. Entretanto, longe de ser uma sociedade feudal, a nova ordem americana foi desde o começo um produto genuíno do mercado.

O descobridor representa, ao mesmo tempo, a soma de idéias, sentimentos coletivos e normas éticas de uma época de contradições. Encontra-se numa encruzilhada de culturas e marca o passo de uma idade a outra. Se, por um lado, ainda está carregado de essências morais e religiosas da Idade Média, por outro, no momento da grande aventura ultramarina seu conceito do mundo e do destino do homem, sofreu o impacto da penetração de novos valores e sistemas de crítica, na Europa. O colonizador espanhol como o português encarnaram o individualismo do Renascimento.⁴

Os portugueses eram o resultado de uma mistura de povos - os indígenas da Península Ibérica, os primitivos iberos - e os povos que se cruzaram em constantes migrações pela Península Ibérica como os celtas, os gregos, os fenícios, os romanos, os visigodos, os judeus e os árabes.

Ao contato com a nova terra, o europeu transforma-se, segundo Ortega y Gasset, em «novo homem».⁵ O legado europeu transplanta-se através das missões portuguesas e espanholas - portadoras de impulsos comuns - a um novo contexto.

⁴ Portugal, no dizer de Gilberto Freyre era «uma nação quase não européia».

⁵ Araripe Junior concebeu a teoria da «obnubilação brasileira».

No momento em que os povoadores europeus enraízam no Novo Mundo delineia-se o que será o conflito permanente da vida cultural da América Latina dividida entre um passado pré-colombiano ou pré-cabralino e a herança ibérica, entre localismo e cosmopolitismo.

4. Como era a Iberia no Renacimiento

Na época dos descobrimentos marítimos, Portugal e Espanha estavam muito próximos, envolvidos na mesma realidade da Península Ibérica - a Hispânia dos romanos. Através desse acontecimento, a Europa se comunica com outros mundos. O português e o espanhol não eram muito diferentes, entrelaçando-se com os destinos comuns de seus povos, onde se estabelecia uma sociedade quase à margem da Europa. Nenhum dos demais países desenvolveu, como Portugal e Espanha, a cultura da personalidade. À falta de hierarquia organizada devem-se alguns dos episódios mais singulares da história das nações hispânicas (Buarque e Holanda 1983: 5).

O Brasil foi descoberto sob o mesmo signo cultural dos países hispano-americanos. Nasceu para a história quando os portugueses aportaram as suas costas e iniciaram o processo de europeização de nossa terra (Bonfim 1940: 52). Apesar dos matizes divergentes, produziu nos primeiros séculos da vida colonial uma das contribuições mais originais à cultura universal. O mesmo projeto colonizador, a configuração de um novo esquema estilístico, irmana os povos peninsulares em sua arrancada para o futuro.

A América Latina, «nuestra América» (Martí), apresenta variedade e riqueza de universos mas possui significações culturais comuns. Poder-se-ia falar de homogeneidade diante de processos de formação tão complexos? A unidade da América Latina, um «crisol de culturas» parece indubitável a partir de sua história: sobre populações e culturas autóctones impõem-se padrões ibéricos comuns que favorecerão a transculturação. Entretanto, este fato, durante a etapa de formação das nacionalidades, perdeu-se de vista em função das circunstâncias políticas, econômicas e culturais que dominaram esse processo.

Ao cortar suas amarras políticas com as metrópoles íberas, a América viu-se submetida a uma dupla pressão: aceitar o passado fechando toda possibilidade ao futuro ou arrancar-se do passado para poder realizar o sonhado futuro.

Entretanto, a busca de uma filosofia própria para resolver os problemas do Novo Mundo deve passar pela tradição. Mas ela por si só nunca

legítima «porque ela precisa do olhar crítico, que é plantadamente histórico» (Portella 1982). Temos a responsabilidade de ouvir os ruídos inescutíveis do passado, o trabalho dos predecessores, entendido como elemento dinâmico e irresolvido. A memória do passado é útil não para reabrir feridas mas para cicatrizá-las.

A América Latina vincula-se à civilização europeia através dos valores do pensamento, da ciência, da cultura. Com estes valores integra-se a uma concepção econômica, uma ordem política e jurídica e uma nova estética.

«Quando se formularam definitivamente as pretensões portuguesas e espanholas às terras descobertas, o tratado de Tordesilhas dividiu o mundo de sorte que a Portugal coube a grande saliência da América do Sul, no Atlântico e a Castela, o resto do continente - toda a América do Norte e a América do Sul, a oeste da linha fixada no mesmo tratado. Os limites entre as extremas pretensões portuguesas e castelhanas não coincidiam. Pouco importa, uma vez que para o Brasil ficou quase tudo que era reivindicado por Portugal, muito mais do que de boa mente lhe concediam os castelhanos».⁶

Até 1870, a educação e a cultura das colônias latino-americanas eram essencialmente hispânicas, já que as civilizações nativas haviam sido quase totalmente extintas e todo o comércio e intercâmbio cultural com o resto da Europa eram sistematicamente proibidos. Perguntar-se pela própria identidade equivale a perguntar-se, plantado na realidade: quem sou? qual minha origem e meu destino?

Evadir-se da identidade é desconhecer estas perguntas e criar uma auto-imagem falsa, ao buscar assimilar-se a respostas alheias.

O processo da identidade constituiu-se em movimento de afirmação e conquista de um caráter nacional em favor de nossas peculiaridades.

«O que chamamos identidade, afirma Octavio Paz, e que antes, com maior propriedade se chamava o caráter, a alma ou o gênio dos povos, não é uma coisa que se possa ter, perder ou recuperar [...]. A América Latina não é nem um ente nem uma idéia. É uma história, um processo, uma realidade em perpétuo movimento e mudança contínua. [...] Não é fácil defini-la nem sequer descrevê-la» (Paz 1993).

O problema de identidade para o homem do Novo Mundo surge desde suas origens. Não pode ser europeu nem índio. E não pode sê-lo porque os propósitos de resistência dos conquistados, assim como a decisão, por parte do conquistador, de que o índio se assimilasse integralmente à cultura hispânica, não tiveram êxito. O resultado é a luta que se origina em

⁶ Nasceu para a vida intelectual, segundo Manuel Bonfim, na insignificância da mentalidade portuguesa.

tre os esquemas ordenadores da mentalidade ibérica, que não se adaptam à realidade descoberta e os esquemas explicativos já existentes, produto do livre fluir entre mundo e cosmovisão que ficam marginalizados. Daí uma inadequação entre mentalidade e realidade, o que provoca, por um lado, as superposições culturais, que dificultam em grau crescente o descobrimento da identidade real e, por outro, a busca incessante de identidades alheias, igualmente negadoras da possibilidade de reconhecer-se. No caos produzido pelo choque cultural, na modificação dos esquemas mentais resultante do encontro de cosmovisões diferentes, perde-se a estabilidade das certezas e surge uma auto-imagem nova. Este é o fato que define toda transculturação. A identidade latino-americana liga-se a um ideário histórico-político de renovação de projetos de interesse coletivos.

O ponto de partida para a autenticidade, o chegar a ser, não implica apagar um passado. O conhecimento do passado deve estar vinculado aos problemas do presente. A velha disputa entre os filósofos do ser e do devir tem como preocupação a da identidade do ser consigo mesmo.

Com o reconhecimento dos valores componentes do contexto histórico e cultural e das tradições que subsidiam o processo de formação da identidade nacional brasileira, pode-se chegar à configuração do mundo brasileiro no seu processo de definição que segue o do mundo hispano-americano. Assim, será mais bem compreendida essa complexa comunidade política e cultural que repousa na colonização portuguesa e espanhola.

Existe um quadro geral, que se convencionou chamar de latino-americano, delineado em consonâncias comuns, originado de influxos europeus comuns em relação com os alimentados pelas raízes diferenciadoras. Num processo de miscigenação, a Ibéria inseriu-se no espaço autóctone das várias culturas, recebendo ainda a contribuição de outros contingentes migratórios. Nossa identidade histórica e cultural encontra-se na herança comum da pátria latino-americana, sem excluir a alteridade.

Superados os exclusivismos, as literaturas da América Latina devem ser pensadas em função do mesmo contexto sul-americano, onde avulta a contribuição espanhola e portuguesa. Essas influências não são divisíveis nem geográfica, nem historicamente.

A literatura, em seu mais amplo critério, é uma das parcelas universais da cultura, o lugar onde a identidade cultural se organiza e expressa como experiência viva. A identidade não deve ser questionada como unidade cultural, fixa e monolítica e, sim, num enfoque transnacional que leve em conta a globalização da economia, os processos migratórios, entre outros. É na literatura que mais claramente se registra a idiosincrasia

cultural, onde o individual se entrelaça com o coletivo, onde a subjetividade se relaciona com a realidade empírica. Como toda obra do homem, mostra-o em sua totalidade ética e estética.

A literatura brasileira é o produto mais caracteristicamente brasileiro, o testemunho menos contestável da originalidade do espírito nacional e, desde logo, seu instrumento de expressão. Teve papel importante no processo de busca da identidade nacional.

A identidade constitui-se de processos, modos e formas culturais. A identidade problemática de nossa realidade origina-se do choque propiciado pelo encontro de culturas de características diversas e estende-se desde o descobrimento (ou invenção) da América, passa pela colônia e a vida republicana compartilhadas.

5. Sob o Signo do Barroco

Os inícios da literatura brasileira processam-se em plena crise do humanismo renascentista, época de contradições e mascaramento dividida entre o sagrado e o profano.

Descobertos durante o Renascimento e colonizados pela Contra-Reforma, o Brasil e os países hispano-americanos apresentam os fundamentos de sua cultura e, portanto, suas raízes, no âmbito do universo barroco, primeiro estilo da cultura ocidental moderna e o primeiro pronunciamento de autenticidade espiritual registrado na trajetória cultural do homem americano. Num estágio maduro da cultura, plasmou uma nova estética centrada no homem como valor supremo. Episódio do movimento renascentista, a arte barroca, substância e princípio de nossa expressão literária, constituiu-se de um vigor inventivo de fantasia e aguda inteligência, buscando a sensação imediata, o efeito surpreendente e o impulso vital dionisíaco. Representa, em sua essência, uma ânsia de libertação contra o gélido molde classicizante do Renascimento, que conforma a sua criação. Arte sobrecarregada até o tumulto, que se apresenta como uma das conquistas mais poderosas do barroco. Contribuições diferentes das diversas individualidades criadoras fazem com que a arte perca seu caráter unitário, constituindo-se a partir de elementos contraditórios e conflitantes. No grande teatro do mundo, instala-se o postulado do conflito e da transitoriedade, a vocação híbrida de sua heterogeneidade. Com sua magia transfiguradora, o barroco, expressão universal do descentramento do homem, deu uma linguagem crítica ao Brasil, comum a todo o Continente, através da influência de Quevedo em Gregório de Matos, espírito dominado pela transgressão ao discurso da metrópole,

manifestada no barroco entre valores terrenos e carnavais, religiosidade e materialismo.

Processa-se, então, entre os satíricos do Continente, em sua poesia irreverente, uma fonte comum. Também se constata na poesia academicista dos séculos XVII e XVIII a presença do elemento barroco. Quevedo personificou o polifacetismo, a denúncia de realidades, a filosofia pessimista envolta em sátira dolorosa. Intuiu o aniquilamento do humano na contradição entre o homem e o mundo, com uma visão transfiguradora na cultura ocidental. Com esse clima espiritual, a América Latina, espanhola ou lusa, insere-se a uma medida universal e encontra seu apogeu nas obras de Gregório de Matos, do Aleijadinho e do padre Vieira.

O primeiro golpe de importância contra o barroco foi o da ideologia do positivismo (adotada pela classe média emergente). E não porque chegasse às massas, mas porque modificou a instrução pública e conquistou a classe dirigente através das Universidades. Queria resolver o problema brasileiro com formulações européias, soluções engendradas por outras realidades. O positivismo, filosofia do auge europeu e capitalista, penetrou no país não como um «método de investigação» mas como um modo de pensar empírico, uma filosofia social, política e religiosa (Azevedo 1964: 623), que substituiu a idéia de liberdade pela de ordem.

Os liberais românticos de 1840 transformaram-se, por volta de 1870, nos positivistas que, em seus diferentes matizes, desempenharam papel fundamental, embora não decisivo, no processo que culminou com a Proclamação da República. No Brasil, a doutrina de Comte confundia-se com a idéia utilitária da ciência, em primeiro lugar, porque o positivismo concedia à ciência um caráter de exatidão, tentando livrá-la de qualquer caráter metafísico. Em segundo lugar, por sua proposta de construção de uma sociedade científica absorvida pelo projeto republicano de construção de uma nova sociedade no Brasil.

A Constituição de 91 e o Código Civil são inspirados no positivismo. A partir de 1890 inicia-se o declínio de sua influência.

Um liberalismo vago, proveniente da França e da Inglaterra, havia-se tornado importante marco da política brasileira desde a Independência de 1822. Esta favorece o prolongamento de uma tradição barroca cujo imaginário perdura, contraditoriamente, até o século XX, à custa da persistência de situações de fronteira.

A evolução política que começa com a Revolução Francesa é na América guerra pela Independência; o liberalismo luta contra o poder eclesiástico mas não transformou a sociedade; a industrialização não é maciça e a aglomeração humana limitada a determinadas grandes cidades.

Ao longo do século XIX define-se uma consciência de diferenciação num prematuro nacionalismo. Cada país tentava adaptar-se a formas e sistemas modernos. Os saltos históricos que diferenciam nosso processo nacional do europeu faziam com que estas formas de nacionalismo não tivessem a longa gestação milenária da Europa (Picon Salas 1977).

6. Romantismo e Consciência Nacional

Datam do romantismo os primeiros estudos de caracterização das literaturas nacionais e o caso brasileiro não foi exceção.⁷ O Romantismo, primeira tentativa de descrever os problemas brasileiros do ponto de vista brasileiro, procura esclarecer a realidade nacional e suas formas vivas, buscando uma genealogia nacional. Abandonam-se as convenções clássicas, mas a terra brasileira ainda é vista sob a ótica mitificadora européia, entre outras, a discussão sobre a natureza do índio⁸.

O modelo deixa de ser Espanha e Portugal. Esta liberação implicava a celebração de laços econômicos e culturais com a França e a Inglaterra, impérios emergentes, em busca de novas referências e numa redefinição das relações com a Europa.

O Brasil, que constituía uma sociedade assentada numa economia capitalista de tipo colonial, ao sofrer influência do romantismo francês, reage contra o racionalismo cartesiano. A filosofia da Ilustração alimentava, sem dúvida, os movimentos emancipadores. A idéia de América como «terra de felicidade» contrastava com as discórdias religiosas da Europa, no desejo de conciliar os preconceitos nacionais do Velho Mundo. É o que inspira o pensamento de Bolívar e Jefferson.

A política e as letras estiveram ligadas nos primeiros passos da vida independente do país. Foi essa coincidência histórica que levou muitos

⁷ A primeira história a mencionar escritores brasileiros foi a *Geschichte der Portugiesischen Poesie und Beredsamkeit* de 1805 de Friedrich Bouterwek. Distinguindo os traços nacionais dos autores que cita Antonio José da Silva, apenas cognominado o Judeu e Claudio Manuel da Costa Bouterwek assinalou o tom popular das comédias do primeiro em especial na *Esopaida* e a contribuição brasileira à poesia portuguesa acredita no mesmo, nos Sonetos do segundo, «ouvir o tom ingênuo de antigas canções portuguesas» (Cesar 1978: 8).

⁸ Em seus *Ensaaios* (*Des cannibales* e *Des Coches*), Montaigne aponta as falhas da sociedade européia, criticando sua suposta superioridade.

de nossos escritores a julgar que o romantismo era inerente à alma nacional.⁹

Capistrano de Abreu (1954) não omitiu ou evitou certos movimentos de opinião, lutas sociais que prepararam e formaram a consciência nacional. A guerra dos emboabas, a derrota dos holandeses e as lutas dos mascates em Pernambuco têm o destaque que merecem nesta hora de agitação. Os interesses reinóis e coloniais bifurcaram-se e tornaram-se antagônicos. Os representantes das novas elites são a expressão de nova modalidade de burguesia, acentuando o antagonismo econômico em relação aos tradicionais proprietários de terra.

A persistência dos velhos padrões coloniais viu-se ameaçada em virtude dos acontecimentos que sucederam à migração forçada da família real portuguesa para o Brasil em 1808.

A chegada de D. João VI abriu novos horizontes à vida do país (Azevedo 1964: 377). O crescente cosmopolitismo de alguns centros urbanos não constituiu perigo iminente para a supremacia dos senhores agrários, apoiada na tradição mas iniciadora de novos caminhos. Muitos não souberam conformar-se com as mudanças e começou a patentear-se a distância entre o elemento «consciente» e a massa.

Marcada pela europeização, a inteligência brasileira volta-se para os diferentes mercados da Europa. A nova cultura nacional diversifica os modelos europeus. À França pediram-se figurinos literários e filosóficos (de 1800 a 1860). Esta influência continuou a fazer-se sentir fortemente até o começo da Primeira Guerra mundial, sem impedir a filtração de outras literaturas e correntes do pensamento: à Inglaterra pediu-se o ritual do parlamentarismo e à Alemanha, a metafísica clássica e novas orientações científicas.

Com o advento da Independência, há uma febre de nacionalismo e importação das novas idéias românticas. Aos românticos coube a tarefa de erigir literaturas nacionais dentro de uma ideologia nacionalista das classes dominantes que justificavam a independência política e literária, superando a submissão a um cânone externo. Os escritores pertenciam a essas classes ou identificavam-se com elas. O Romantismo passou do indianismo nacionalista (inspirado na sublimação do «nobre selvagem» de Rousseau) e do plácido «costumbrismo» enxertado em ingênuas histórias de amor ao âmbito da cidade, estabelecendo um percurso de «reconhe-

⁹ Diz Sergio Buarque de Holanda: «O romantismo é, pois, um momento e não uma constante da história espiritual do Brasil». em: «Prefácio literário». Obras Completas de D.J.Gonçalves de Magalhães, vol. II, p. XII).

cimento» que recobriu pouco a pouco grande parte do espaço geográfico e do «espaço temático» americano, mitificando o índio porque se encontrava metaforicamente morto, mera lembrança do passado (Ortiz 1992). (O projeto de José de Alencar, de fazer uma literatura nacional dentro das preocupações dos iniciadores do romantismo brasileiro, incluía e exigia esse percurso pelo território nacional).¹⁰ Machado de Assis inscreve sua produção no âmbito da burguesia urbana. Narradores regionalistas vão preenchendo outros vazios e criando uma literatura que ultrapassa o romantismo para inscrever-se em algo muito próprio de nossa América, o «realismo nacionalista».

A elite pensante funda em 1838 o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e foram enviados convites a pesquisadores de renome a apresentarem ensaios sobre um plano para escrever-se a história do Brasil. O ensaio do etnólogo alemão Karl Friedrich Phillip von Martius, «Como se deve escrever a História do Brasil» (1845) foi premiado como a melhor proposta, embora houvesse permanecido silenciado até ser redescoberto por Gilberto Freyre.

Entre 1830 e 1850, ocorrem lutas entre republicanismo federalista, monarquismo constitucionalista que dividem as elites intelectuais do Brasil. Somente durante a Guerra do Paraguai e na campanha abolicionista começou a surgir o sentimento de identidade nacional e o envolvimento popular na vida pública. Os anos de 1870 a 1889 assistiram ao declínio do Império. O Brasil foi vitorioso na Guerra contra o Paraguai (1865-70) mas o imperador d. Pedro II enfrentou crescente oposição por parte do movimento republicano. Em 1889, os militares depuseram o monarca.

A partir de 1890, sobretudo, após a abolição do trabalho escravo, e a implantação do regime republicano, o movimento operário desenvolveu-se com o incremento da imigração de trabalhadores assalariados. Esses anos viram o rápido crescimento do café, como o principal produto de exportação do país. Com o declínio do açúcar e do algodão no Nordeste, a economia brasileira concentrou-se mais no Sul.

Desde o início da campanha abolicionista quase toda a produção literária nacional se fazia no Rio de Janeiro ou voltada para ele. A capital centralizava os principais acontecimentos até a consolidação da República. Sua posição de proeminência consagrou-se em 1897 com a inauguração da Academia Brasileira de Letras.

¹⁰ O Guarani traduz o mito da fundação da brasilidade.

7. A Imagem a partir de Dentro

Na América Latina, a emancipação do discurso literário antecede a emancipação política e passa a gerar sistematicamente formas de relação com seus modelos que vinham insinuando-se desde o período colonial e que se originam de sua peculiar situação de cultura periférica.

O Modernismo hispano-americano (que corresponde ao nosso Simbolismo e Parnasianismo) não incorporou em sua duplicidade (regionalismo e cosmopolitismo) a apologia feliz do Modernismo brasileiro. Este foi a resposta à modernização social do Brasil nos inícios da industrialização, combinado a uma vontade de renovação expressiva da literatura. O Modernismo Brasileiro e a Vanguarda histórica dos anos 20 na América Hispânica desenvolveram uma consciência crítica, contra o academismo, buscando um perfil diferenciador, embora a vanguarda, além de assumir o novo como norma estética, negando o passado e afirmando o futuro, tenha sido, muitas vezes, ambigualmente, memória do passado e tenha imitado sem criar verdadeiramente. A consciência ideológica da oligarquia rural une-se à revolução burguesa, questionando as instituições tradicionais na tentativa de redescobrir o país. O modernismo recuperou o negro como elemento irreverente, «produto da estética populista de seu criador».¹¹

Em 1942, Mario de Andrade escreveu: «A transformação do mundo com o enfraquecimento gradativo dos grandes impérios, com a prática européia de novos ideais políticos, a rapidez dos transportes e mil e uma outras causas internacionais, bem como o desenvolvimento da consciência americana e brasileira, os progressos da técnica e da educação, impunham a criação e mesmo a remodelação da Inteligência nacional» (Andrade 1942: 13).

O Manifesto Antropofágico com sua fórmula «Tupi or not tupi - that is the question» serve para ilustrar a busca de identidade e sua abertura em direção do Outro. Essa busca de um perfil diferenciador toca, ao mesmo tempo, o problema fundamental da cultura brasileira, que se debate entre suas raízes «indígenas» e a tradição européia. Oswald de Andrade tentou uma interpretação triunfalista de nosso atraso. Propunha uma postura de galhofa, metaforizada na deglutição do alheio, de «devoção» da cultura européia. Com sua conscientização antropofágica, foi

¹¹ O negro ganhou status nas obras de Machado de Assis, Jorgen de Lima e Jorge Amado (Brookshaw 1986).

paródia da cultura oficial e recuperou o negro como elemento irreverente.

A unidade espiritual e cultural com a Europa, representada por alguns escritores latino-americanos no século XIX, que ainda utilizavam modelos de expressão importados, embora trabalhando com um conteúdo de fundo nacionalista, rompe-se e da polêmica instalada no interior dessa unidade, surgem os -ísmos latino-americanos. Vinculada com a realidade sócio-cultural, a vanguarda, em nosso continente, foi uma resposta à nova situação. Seu grande papel foi possibilitar as mediações para que a palavra poética não fosse apenas diferente da encontrada em séculos anteriores, mas, de fato, nova pelo aproveitamento de todas as possibilidades criadoras do idioma.

O projeto cultural contemporâneo, no Brasil, passa pelo «romance social do Nordeste» que, reunindo Rachel de Queiroz, José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado, irá ampliar o espaço do regionalismo com seu realismo vertical. A busca da realidade explícita, isto é, a necessidade de referir a paisagem como força de vida é a expressão de busca de uma identidade nacional (característica da chamada «novela de la tierra» (hispano-americana) e será substituída, no Brasil, pela busca da realidade implícita.

Depois da Primeira Guerra Mundial, o pensamento brasileiro entrou em processo de renovação. Os bens culturais metropolitanos são transformados no sentido de afirmação da cultura nacional e um discurso de resistência impõe-se na constituição de novos paradigmas.

8. A partir dos Anos 30

Grande parte do modelo científico vigente nos anos 20 no Brasil era decorrente do projeto de modernização, implantado principalmente a partir da Proclamação da República, em 1889, objetivando promover um surto de desenvolvimento e transformação do país. Esse projeto incluía a expansão da agricultura para o mercado mundial, urbanização das cidades, extinção das doenças infecciosas que infestavam a cidade e os portos, demarcação e interligação do território nacional através de estradas de ferro, rodovias, telégrafo e uma intensa atividade geológica e geográfica. A ciência e a técnica assumiram um papel preponderante nesse processo de modernização, fornecendo os conhecimentos e meios necessários à sua realização. Elas eram valorizadas em especial enquanto detentoras de um saber prático e utilitário que permitia a realização desse projeto. Num período de poucos anos foram criados vários institutos de pesquisa com

o objetivo de dar suporte à agricultura e debelação de doenças, escolas e faculdades de nível superior, com nítida inclinação para a esfera produtiva (Schwartzman 1979). De forma semelhante, instituições científicas criadas anteriormente, na época do Império, tiveram suas funções redefinidas no sentido de responder a essa demanda utilitária, como o Imperial Observatório, rebatizado de Observatório Nacional, que redirecionou suas atividades para a demarcação de fronteiras e pontos geográficos do território nacional, a determinação da hora certa e o serviço meteorológico. As escolas politécnicas ganharam importância, formando engenheiros capazes de responder às demandas nacionais e assumir tarefas na construção de estradas de ferro, iluminação pública, construção de grandes avenidas, urbanização das cidades.

Podemos situar o período fundacional das histórias nacionais e literaturas hispano-americanas quando ocorre uma visão «progressista conservadora» e racionalista da história privilegiada a partir das influências européias e dos debates em torno das idéias ligadas às teorias evolucionistas de Spencer, o darwinismo biológico e social, o materialismo filosófico e político e o positivismo de Augusto Comte. Este último se fazia presente mais pela sua concepção de ciência do que pelos conceitos matemáticos propriamente ditos. É possível encontrar artigos contrários a esses conceitos escritos por professores da Politécnica ligados ao pensamento positivista, como de Otto de Alencar, que frequentou por muitos anos o Apostolado positivista, rompendo posteriormente com ele ou Licínio Cardoso, um reconhecido defensor do positivismo.¹²

A partir de final do século XIX e primeiras décadas do século XX começaram paralelamente, a penetrar no Brasil as novas teorias surgidas nas áreas de física e da matemática, que iam mudando a feição da ciência. Aparentemente sem utilidade prática imediata, o interesse vinha acompanhado de um discurso em prol da ciência pura e desinteressada, vista não apenas como um meio para a reforma social e econômica mas era, muitas vezes, ambígua e contraditória, diante do impasse em que se viam muitos cientistas causado pela absorção das novas teorias dentro de um ambiente acostumado à idéia utilitária da ciência. Exigiam locais específicos para sua realização como as Faculdades de Ciências ou mesmo as

¹² Em artigo publicado na Revista da Escola Politécnica RJ, 1897, escreve Cardoso: «O vulto portentoso de Augusto Comte inspira-me grandíssimo respeito mas na minha qualidade de humílimo professor que sou, não posso ensinar o contrário do que penso. Também não julgo imprudente apontar-se o engano em que por ventura tem caído o gênio: errar é atributo dos homens. Errou Aristóteles, errou Descartes e insânia é julgar infalível quem quer que seja» (Lins 1964: 268).

Universidades, visto a vocação eminentemente utilitária dos cursos nas Faculdades e escolas técnicas. Em 1920 foi criada a Universidade do Distrito Federal, reunindo as já existentes Escola Politécnica, Escola de Medicina e Faculdade de Direito mas mantendo as características tradicionais de cada uma. Em várias ocasiões durante a visita de Einstein (março de 1925) (Tolmanskin 1996) foi evidenciado esse debate em torno da ciência pura. De forma semelhante, o próprio Einstein fez referência ao problema da ciência pura na América do Sul durante um almoço com vários cientistas.

A Segunda Guerra mundial isola a América Latina da Europa. A era industrial começa e constituem-se enormes metrópoles que favorecem a imigração dos habitantes das zonas rurais aos centros urbanos.

Desde os anos 60, começa-se a repensar a cultura (principalmente a literatura) sob nova ótica, com o intuito de descolonizá-la. São os anos do questionamento dos nacionalismos (o conceito de classe social impõe-se ao de nação, da teoria da dependência frente ao desenvolvimento, da emergência do feminismo).

9. Conclusão

Como estamos longe da afirmação de Hegel: "Por conseguinte, a América é o país do porvir. Em tempos futuros mostrar-se-á sua importância histórica, talvez na luta entre a América do Norte e a América do Sul. É o país de nostalgia para todos os que estão enfasiados do museu histórico da Velha Europa." (Hegel 1928)

Quase cinco séculos depois do descobrimento, o latino-americano criou uma cultura própria em resposta aos desafios específicos que o meio ambiente e contatos humanos determinados propuseram a sua tradição. Mas «a interpretação de nossa realidade com esquemas alheios só contribui a fazer-nos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários». (Garcia Márquez 1982: 4-5)

A cultura latino-americana foi o resultado da inserção da cultura racionalista do Renascimento ao universo mágico dos índios. Ela soube figurar dinamicamente a simultânea heterogeneidade de nossas realidades onde as peculiaridades surgiram sem perder o traço da origem comum. Vivemos sob a ênfase dada às noções de pluralidade e alteridade, quando a ratio filosófica eminentemente unificadora humaniza-se e restaura a multiplicidade.

A literatura brasileira adquiriu finalmente sua maioridade. Já existe um modelo intelectual criado no Brasil como resultado de sua origem e de

sua história. Podemos adotar a afirmação de Alfonso Reyes, «já existe uma humanidade americana característica, existe um espírito americano». (Reyes 1979)

Ao final do século XX, a América Latina parece encerrar um passado e colocar-se em nova ordem econômica e política mundial. Abre fronteiras, internacionaliza-se e postula ao mesmo tempo sua modernização política e cultural. Pensar esses anos na América Latina no Brasil, é pensar a questão do plural e do enfrentamento das diferenças.

Presenciamos o começo de novos tempos, um novo século se aproxima. O homem latino-americano conscientiza-se da necessidade de repensar sua origem, para revelar um ser que se havia calado. Tenta o resgate do verdadeiro rosto da América., espaço em constante transformação, na luta pela construção de projetos nacionais próprios em função de memórias particulares e especificidades históricas.

O Brasil emergiu de um longo processo ditatorial. Nossa esperança reside na consolidação da democracia política que trará consigo o desenvolvimento sócioeconômico. Vinculados ao pensamento ocidental, empreendemos a marcha para um futuro de criação e independência, que tem como objetivo uma forma de conhecimento integral do homem, num mundo unificado por uma hegemonia que deixe de ser imediatista.

Cabe-nos enfatizar um sentido de pertinência sem menosprezar o ser nacional, reconhecer a realidade pluricultural da América, numa indagação pela latinoamericanidade. Ao abrir espaço à liberação das diferenças, cumpre averiguar nosso ser no tempo e no espaço, abandonar a alienação para sermos nós mesmos.

Bibliografia

- ABREU, J. Capistrano de (1954): *Capítulos de história colonial (1500-1800)*, 4ª ed., Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu/Livraria Brigueit.
- ANDRADE, Mario de (1942): *O movimento modernista*, Rio de Janeiro: C.E.B.
- AZEVEDO, Fernando de (1964): *A cultura brasileira; introdução ao estudo da cultura no Brasil*, 4ª ed. rev., São Paulo: Melhoramentos.
- BAER, Werner (1983): *The Brazilian economy: Growth and Development*, 2ª ed., Nova York: Praeger.
- BAREIRO SAGUIER, Ruben (1995): «Asunción de la lengua», em: Ana Pizarro (Coord.): *América latina, palabra, literatura e cultura*, São Paulo: Memorial da América Latina.
- BONFIM, M. (1940): *Brasil*, Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional.
- BONFIM, M. (1993): *A América Latina. Males de origem*, 4ª ed., Rio de Janeiro: Topbooks.
- BOSI, Alfredo et alii. (1987): *Tradição. Contradição*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor/Funarte.
- BROOKSHAW, David (1986): «Race and colour», em: *Brazilian Literature*, London: The Scarecrow Press. Inc.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sergio (1983): *Raízes do Brasil*, 16ª ed., Rio de Janeiro: Livraria Jose Olympio Editora.
- CANDIDO, Antonio (1985): *Literatura e sociedade*, 7ª ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- CANDIDO, Antonio (1989): «Una palabra inestable», em: *Escritura* (Caracas) 27, 31-39.
- CARVALHO, José Murilo de (1982): «Political Elites and State Building: The Case of Nineteenth-Century Brazil», em: *Comparative Studies in Society and History* 24, 378-99.
- CESAR, Guilhermino (org.) (1978): «Introdução». *Historiadores e críticos do romantismo: a contribuição européia*, São Paulo: EDUSP.
- COLLIER, David (ed) (1979): *The New Authoritarianism in Latin America*, Princeton, N.J.: University Press.
- CORNEJO POLAR, Antonio (1994): *Escribir en el aire. Ensayo sobre la heterogeneidad socio-cultural en las literaturas andinas*, Lima: Editorial Horizonte.
- COUTINHO, Afrânio (1973): «A literatura como fator da nacionalização brasileira», em: *Tempo Brasileiro* (Rio de Janeiro) 33-34, 24-46.
- DA MATTA, Roberto (1978): *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, Rio de Janeiro: Zahar.
- FERNANDES, Florestan (1969): *The negro in Brazilian society*, Nova York: Columbia University Press.
- FREYRE, Gilberto (1933): *Casa Grande e senzala*, Rio de Janeiro: Maia & Schmidt.
- FURTADO, Celso (coord.) (1977): *Brasil: Tempos modernos*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FURTADO, Celso (coord.) (1964): *Dialética do desenvolvimento*, Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura.
- FURTADO, Celso (coord.) (1947): *Interpretação do Brasil*, Rio de Janeiro: Livraria Jose Olympio Editora.

FURTADO, Celso (coord.) (1966): *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina*, Rio de Janeiro.

GARCIA MÁRQUEZ, Gabriel (1982): «La soledad de América Latina», (Conferência Nobel 1982), Estocolmo.

HASENBALG, Carlos (1979): *Discriminação e desigualdades raciais*, Rio de Janeiro: Graal.

HEGEL, G. W. F. (1928): *Lecciones sobre la Filosofia de la historia universal*, Madrid: *Revista de Occidente*.

JAGUARIBE, Helio (1962): *Desenvolvimento econômico e desenvolvimento político*, Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.

JOZEF, Bella (1998): "Memória e identidade cultural da Pan-Amazônia", em: *Unamazônia* (Belém) 0, 10-24.

LEANDER, Birgitta (1985): *Identidad cultural en América Latina*, Número especial de Culturas. Paris: Unesco.

LEITE, Dante Moreira (1983): *O caráter nacional brasileiro*, 4ª ed., São Paulo: Livraria Pioneira Editora.

LIMA, Heitor Ferreira (1978): *História do pensamento econômico no Brasil*, São Paulo: Companhia Editora Nacional.

LINS, Ivan (1964): *História do positivismo no Brasil*, São Paulo: Cia. Editora Nacional.

LUDMER, Josefina (comp.) (1994): *Las culturas de fin de siglo en América Latina*, Rosario: Beatriz Viterbo Editora.

MEDEIROS, Jarbas (1978): *Ideologia autoritária no Brasil, 1930-1945*, Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.

MELLO FRANCO, Afonso Arinos de (1937): *O índio brasileiro e a Revolução Francesa*, Rio de Janeiro: Editora José Olympio.

MELLO E SOUZA, Laura (1998): "América diabólica", em: VELHO, Gilberto (org.), *Revista de Cultura Brasileira* (Madrid) 1, 175.

MOTTA, Carlos Guilherme (1978): *Ideologia da cultura brasileira, 1933-1974*, 4ª ed., São Paulo: Atica.

OLIVEIRA, Lucia Lippi (1990): *A questão nacional na Primeira República*, São Paulo: Brasiliense.

ORTIZ, Renato (1985): *Cultura brasileira e identidade nacional*, São Paulo: Brasiliense.

ORTIZ, Renato (1992): *Românticos e folcloristas*, São Paulo: Editora Olho d'Água.

PAZ, Octavio (1993): «América em plural y singular- Los nacionalismos y otros bemoles». Entrevista a Sergio Marras, em: *Vuelta* (México) 195, 30.

PAZ, Octavio (1972): *Signos em rotação*, São Paulo: Editora Perspectiva.

PICON SALAS, Mariano (1977): «Unidad y nacionalismo en la historia hispanoamericana», em: *Dependencia e independencia en la historia hispanoamericana*, 2ª ed., Caracas: Consejo Nacional de la Cultura.

PORTELLA, Eduardo (1983): *Confluências: manifestações da consciência comunicativa*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

PORTELLA, Eduardo (1982): "Níveis de participação da comunidade intelectual", em: *Tempo Brasileiro* (Rio de Janeiro) 71, 19-25.

- PRADO, Paulo (1962): *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*, 6ª ed., Rio de Janeiro: Jose Olympio.
- REYES, Alfonso (1979): «Notas sobre la inteligencia americana», em: ZEA, Leopoldo (org.), *Precursores del pensamiento latinoamericano contemporáneo*, México: SEP/Diana.
- ROMERO, Silvio (1902): *História da literatura brasileira*, 2ª ed., 2 vols., Rio de Janeiro: H.Garnier.
- ROUANET, Sergio Paulo (1998): «As migrações do bom selvagem», em: *Jornal do Brasil, Idéias/Livros*, 14.11.
- SCHWARTZMAN, Simon (1982): *Bases do autoritarismo brasileiro*, Rio de Janeiro: Editora Campus.
- SCHWARTZMAN, Simon (1979): *A formação da comunidade científica no Brasil*, São Paulo: Ed. Nacional.
- SKIDMORE, Thomas E. (1975): «The Historiography of Brazil, 1889-1964: Part I», em: *Hispanic American Historical Review* 55, 716-748.
- SKIDMORE, Thomas E. (1976): «The Historiography of Brazil, 1889-1964, Part II», em: *Hispanic American Historical Review* 56, 81-109.
- SKIDMORE, Thomas E. (1994): *O Brasil visto de fora*, São Paulo: Editora Paz e Terra.
- SORJ, Bernardo/ALMEIDA, Maria Herminia Tavares de (eds.) (1983): *Sociedade e política no Brasil pós-64*, São Paulo: Brasiliense.
- SPERBER, Suzi Frankl (1994): «A identidade literária brasileira: uma petição de princípios?», em: *Remate de males* (Campinas) 14, 153-159.
- STROWSKI, Fortunat Joseph (1946): *Montaigne e a angústia contemporânea. Cursos e conferências*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação.
- TODOROV, Tzvetan (1982): *La conquête de l'Amérique. La question de l'autre*, Paris: Seuil.
- TOLMANSKIN, Alfredo Tiomno (1996): «Constituição e diferenciação do meio científico brasileiro no contexto da visita de Einstein em 1925», em: *Estudios interdisciplinarios de América Latina y el Caribe* (Tel Aviv) 7(2), 25-44.
- VENTURA, Roberto (1991): *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*, São Paulo: Companhia das Letras.
- VERISSIMO, José (1903): «Das condições da produção literária no Brasil», em: *Estudos de literatura brasileira*, Rio de Janeiro / Paris: Garnier.
- VERISSIMO, José (1986): *Cultura, Literatura e Política na América Latina. Seleção de João Alexandre Marbosa*, São Paulo: Editora Brasiliense.
- VERSIANI, Flavio Rabelo/BARROS, José Roberto Mendonça (eds.) (1977): *Formação econômica do Brasil: a experiência da industrialização*, São Paulo: Saraiva Editores.
- WAGLEY, Charles (1960): *Social Change in Latin America Today*, New York: Randon House.